

21ª Semana de Enfermagem

do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
e da Escola de Enfermagem da UFRGS

*"Compreender e
construir
redes de saúde"*

Resumos

12 a 15 de maio de 2010

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque



HOSPITAL DE
CLÍNICAS
PORTO ALEGRE RS



Escola de
ENFERMAGEM
UFRGS

**GRUPO DE ENFERMAGEM DO
HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL**

*“Compreender
e Construir
Redes de Saúde”*

12 a 15 de maio de 2010

Local

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Porto Alegre – RS

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)

Presidente: Amarilio Vieira de Macedo Neto

Vice-Presidente Médico: Sérgio Pinto Ribeiro

Vice-Presidente Administrativo: Tanira Andreatta Torelly Pinto

Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação: Nadine Oliveira Clausell

Coordenadora do Grupo de Enfermagem: Maria Henriqueta Luce Kruse

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Rui Oppermann

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RGS (EE-UFRGS)

Diretora: Liana Lautert

Vice-diretora: Eva Neri Rubim Pedro

Projeto gráfico, ilustração e diagramação: Gleci Beatriz Luz Toledo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO-CIP
BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM, UFRGS, Porto Alegre, BR-RS

S471s Semana de Enfermagem (21. : 2010 : Porto Alegre)

Compreender e construir redes de saúde : resumos [recurso eletrônico] / 21. Semana de Enfermagem ; promoção e realização Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ; coordenadora da Semana de Enfermagem Enaura Helena Brandão Chaves. – Porto Alegre : HCPA, 2010.

1 CD-ROM

1. Enfermagem – Eventos. 2. Educação em enfermagem. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Grupo de Enfermagem. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Chaves, Enaura Helena Brandão. IV. Título.

NLM: WY3

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

criança, necessitando de apoio e ajuda no esclarecimento de suas dúvidas e alívio da pressão no cuidado à criança doente, e é neste momento que a equipe deve estar preparada para acolher a todos. O enfermeiro e sua equipe são profissionais que mantêm vigilância constante sobre os pacientes e estão à frente das necessidades tanto da família como de seus doentes. Desta forma, é necessário que estejam capacitados para transmitir as informações de maneira correta, mas um tanto informal, com o intuito de que todos tenham a capacidade e a chance de compreender o que está sendo repassado, não importando sua capacidade intelectual ou condições socioeconômicas.

Descritores: transplante de medula óssea, cuidado da criança, família.

Referências:

1. SILVA, CAM; ACKER, JIBV. O cuidado paliativo domiciliar sob a ótica de familiares responsáveis pela pessoa portadora de neoplasia. *Revista brasileira de enfermagem*. 2007; 60 (2): 150-154.
2. NASCIMENTO, LC *et al.* Crianças com câncer e suas famílias. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2005; 39 (4): 469-474.
3. MOTTA, MGC. O entrelaçar de mundos: família e hospital. *In: ELSEN, I; MARCON, SS; SILVA, MRS. O viver em família e a sua interface com a saúde e a doença*. 2ª ed. Maringá: UEM; 2004.
4. FERMINO, TZ; CARVALHO, EC. A comunicação terapêutica com pacientes em transplante de medula óssea: perfil do comportamento verbal e efeito de estratégia educativa. *Cogitare Enfermagem*. 2007; 12 (3): 287-295.
5. BECK, ARM; LOPES, MHB. Tensão devido ao papel de cuidador entre cuidadores de crianças com câncer. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2007; 60(5): 513-518.

ESPECIFICIDADES DO ATENDIMENTO AO PACIENTE PEDIÁTRICO VÍTIMA DE TRAUMA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Gabriela Bottan, Ivana Karl

Prefeitura Municipal de Cachoeirinha – RS, Secretaria Municipal de Saúde

gabibottan@gmail.com

A criança, por sua imaturidade, curiosidade e intenso crescimento e desenvolvimento, encontra-se muitas vezes propensa a acidentes, indefesa e vulnerável a violências⁽¹⁾. Somando-se a esses fatores, a alta incidência de causas externas em crianças e adolescentes tem despertado em todo o mundo a necessidade de estudos desses eventos na população infanto-juvenil. As emergências pediátricas podem ocorrer a qualquer momento em qualquer local: no trabalho, lazer ou via pública. A prestação imediata de primeiros socorros muitas vezes significa a diferença entre a vida e a

morte dessas crianças ou entre a recuperação e a incapacidade⁽²⁾. Em nosso meio, as "causas externas" apresentam grande importância sobre a mortalidade entre crianças de um a 14 anos, além de determinar morbidade representativa, com expressivo número de internações/ano e custo hospitalar considerável⁽³⁾. O trauma é a principal causa de mortalidade de crianças acima de 1 ano de idade. No Brasil, as estatísticas do DATASUS⁽⁴⁾ revelam um predomínio das causas externas, entre as quais estão situados os casos de politraumatismos, como principais responsáveis pelos óbitos e seqüelas graves na criança e no adolescente, que correspondem a 50% das causas de morte. Em decorrência do despreparo das equipes de emergência para atender especificamente crianças vítimas de trauma, um número significativo delas desenvolve alguma seqüela⁵. As causas dos traumas se relacionam às características específicas da criança, exacerbados pela curiosidade inata. Relacionam-se ainda a aspectos socioculturais, como dificuldade financeira de pais de classes menos favorecidas em pagar profissionais que cuidem de seus filhos enquanto se ausentam, ficando as crianças sozinhas em casa. Diante deste novo contexto epidemiológico de crianças vítimas de trauma, busca-se dados que respondam as seguintes questões: Quais são as condutas tomadas pela equipe de saúde frente a uma criança vítima de trauma? Quais são as prioridades no atendimento desse paciente? A justificativa para a realização do estudo está nas evidências encontradas de que existe a necessidade de se aprofundar os conhecimentos acerca do assunto e que muitas vezes a equipe desconhece as diferenças do atendimento de um adulto para uma criança traumatizada. O trauma pode trazer lesões incapacitantes, danos emocionais e sociais e até a morte, além do custo econômico para a sociedade, sendo imprescindível o conhecimento sobre o assunto. Este estudo servirá de subsídio para a produção de conhecimentos na área de enfermagem nas urgências e emergências e salientar a relevância da promoção do cuidado a criança, visando uma atenção de qualidade, evitando traumas com seqüelas irreversíveis. As especificidades do atendimento ao paciente pediátrico vítima de trauma apresentam-se como um tema relevante de pesquisa em virtude da escassez de pesquisas relacionadas ao tema. O presente estudo teve por objetivo conhecer as especificidades do atendimento ao paciente pediátrico vítima de trauma, através de uma revisão bibliográfica, em periódicos publicados nos últimos 10 anos na América Latina. Trata-se de um estudo exploratório de pesquisa bibliográfica onde foram sintetizados os estudos que abordaram as particularidades do atendimento à criança vítima de trauma. Foram selecionados oito (08) artigos científicos publicados em periódicos da América Latina, que se enquadraram nos critérios

do estudo. Com a finalidade de atender aos propósitos da pesquisa, os dados semelhantes foram agrupados a fim de constituir categorias e, assim, emergiram dois temas: Particularidades anatômicas e fisiológicas e Presença da família e a instabilidade emocional. Concluiu-se que a criança necessita de um atendimento altamente especializado e que as equipes de atendimento de urgência e emergência devem estar preparadas para atender as necessidades fisiológicas e psicológicas da criança vítima de trauma. Conhecer as especificidades do atendimento ao paciente pediátrico vítima de trauma é um desafio a ser superado pelos profissionais da área. O estudo evidenciou a escassez de trabalhos científicos a respeito da temática, sendo de extrema importância que a enfermagem tenha uma atenção especial ao tema, visto que o profissional enfermeiro é de fundamental importância para que o atendimento tenha êxito. As diferenças que a criança apresenta vão além da diferença de tamanho e requerem um atendimento altamente especializado, com profissionais treinados e especialistas neste tipo de abordagem. O desfecho de morte e incapacidades nas crianças vítimas de trauma se mostraram proporcionais à qualidade dos cuidados prestados à criança e pela qualidade do atendimento da equipe pré-hospitalar nos primeiros minutos depois da ocorrência do trauma. O tratamento eficaz nestas situações é uma tarefa complexa e demanda conhecimento, treinamento dos profissionais de saúde para assegurar uma abordagem rápida, o que é essencial. Cabe aos enfermeiros que atuam nesta área ter a habilidade para realizar um exame físico completo e o conhecimento para identificar estas especificidades anatomo-fisiológicas da criança estando preparados para o emprego de técnicas apropriadas para cada faixa-etária em cada atendimento realizado. A revisão bibliográfica apontou o transporte pré-hospitalar rápido e especializado como um fator decisivo para um bom desfecho no atendimento à criança. Um achado de extrema relevância diz respeito aos cuidados relativos ao apoio emocional ao paciente e família, diminuindo o estresse da criança e dando suporte à família. A melhor forma de tratamento no trauma é, sem dúvida, a prevenção. As crianças, como se encontram em fase de crescimento e desenvolvimento, estão sujeitas às diferentes formas de trauma. Traumas ocorridos no domicílio aos acidentes automobilísticos entre outros e, muitas vezes, as crianças são vítimas de maus tratos e negligência causados até pelos próprios familiares. Ao realizar o atendimento é importante que se busquem sinais de negligência e abuso físico por parte de adultos. Ao contrário do que muitos pensam, os acidentes envolvendo crianças são em sua maioria resultado da negligência dos responsáveis e poderiam ser evitados se houvesse prudência no cuidado com a criança. Em suma

pode-se concluir que este estudo serviu de base para o desenvolvimento de outras pesquisas que venham dar embasamento científico para esta área da enfermagem, tão pouco estudada e que merece maior destaque.

Descritores: Traumatismos, lesões, criança.

Referências:

1. Martins CBG, Andrade SM. Causas externas entre menores de 15 anos em cidade do Sul do Brasil: atendimentos em pronto-socorro, internações e óbitos. *Rev Brasileira Epidemiologia*. 2005; 8(2).
2. Lira BNR, Melo MCJ. Emergências pré-hospitalar na infância. *Rev Anna Nery de Enfermagem*. 2002.6(1):147-55.
3. Schwartsman C, Carrera R, Abramovici S. Initial assessment and transportation of an injured child. *Jornal de Pediatria*. 2005; 81(5).
4. DATASUS. (BR) Proporção de internações hospitalares por causas externas. [Internet] Brasília; 2005 [citado 2008 jun 21]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/d14.def>.
5. Chamas J, Oberhofer PR, Centa ML. Trauma na infância. *Ciência, cuidado e saúde*. 2004;3(1).

GLICOGENOSE TIPO I: UM ESTUDO DE CASO

Andria Machado da Silva, Franciele Dal Forno Kinalski

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

francy0108@hotmail.com

A glicogenose é um distúrbio que apresenta defeitos enzimáticos específicos decorrentes de um erro inato do metabolismo, que impedem a obtenção de glicose a partir do glicogênio, resultando em concentrações alteradas de glicogênio no organismo ⁽¹⁾. Existem mais de 10 diferentes tipos, dependendo do defeito enzimático encontrado. As consequências metabólicas envolvem hipoglicemia, acidose láctica, aumento do ácido úrico, hiperlipidemia, alterações gastrointestinais ⁽²⁾. O estudo tem como objetivo descrever as características de uma criança com glicogenose do tipo I e relatar a experiência compartilhada entre os estudantes durante o caso clínico vivenciado. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório, descritivo, do tipo estudo de caso. Foi realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) durante a prática disciplinar. Os dados foram coletados no prontuário e a partir do histórico de enfermagem realizado com a paciente. Observamos que a aplicação do processo de enfermagem junto à criança e sua família foi fundamental para a definição dos cuidados de enfermagem apropriados à paciente, o que contribuiu significativamente